



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA JANAINA ALVES SAMPAIO

**PSICO-ONCOLOGIA E ESTÁGIO CURRICULAR: COMO ESTAGIÁRIOS
AVALIAM SUAS EXPERIÊNCIAS**

Juazeiro do Norte
2020

MARIA JANAINA ALVES SAMPAIO

**PSICO-ONCOLOGIA E ESTÁGIO CURRICULAR: COMO ESTAGIÁRIOS
AVALIAM SUAS EXPERIÊNCIAS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

MARIA JANAINA ALVES SAMPAIO

**PSICO-ONCOLOGIA E ESTÁGIO CURRICULAR: COMO ESTAGIÁRIOS
AVALIAM SUAS EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para obtenção de grau
de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Me. Joel Lima Junior

Orientador

Dr. Joaquim Iarley Brito Roque

Avaliador

Esp. Francisca Zildomar Gomes dos Santos

Avaliadora

PSICO-ONCOLOGIA E ESTÁGIO CURRICULAR: como estagiários avaliam suas experiências

Maria Janaína Alves Sampaio¹
Joel Lima Junior²

RESUMO

A Psico-Oncologia é uma área que vem crescendo atualmente, tendo em vista o aumento de casos de câncer no cenário atual brasileiro nos últimos anos, bem como a importância do profissional de Psicologia nos serviços de Oncologia, uma vez que o acompanhamento psicológico é indispensável para os pacientes e familiares nas fases de tratamento do câncer. O presente estudo objetivou identificar quais as percepções de estagiários de Psicologia acerca do estágio supervisionado em Psico-Oncologia. Tratou-se de um estudo qualitativo, realizado através de entrevistas semiestruturadas, e tiveram como participantes cinco estudantes de Psicologia de uma universidade privada da região do Cariri. Os resultados apontaram que o estágio em Psico-Oncologia possibilitou o desenvolvimento de uma escuta clínica mais atenta, bem como uma sensibilidade para acolher o paciente. Proporcionou ainda, a humanização no trato com os pacientes e o aumento da empatia, bem como o crescimento pessoal dos estagiários. No tocante as dificuldades encontradas, estar diante da morte causou abalo para os estagiários, e um sentimento de impotência diante dela. E ainda, atender no contexto hospitalar foi um desafio, visto que ao longo da graduação as práticas são ensinadas em um molde clínico. Acerca das estratégias de *coping* utilizadas pelos estagiários, notou-se a importância de amigos, da supervisão, do preceptor e da psicoterapia, bem como dos familiares. Todavia, deve ser salientado acerca da escassez na literatura de trabalhos que abordam sobre o estágio em Psico-Oncologia, o que fomenta a necessidade de haver mais pesquisas acerca do tema, para que assim, seja ofertado um suporte adequado aos estagiários durante seus estágios curriculares.

Palavras-chave: Câncer. Psico-Oncologia. Estágio Supervisionado. Coping.

ABSTRACT

The Psycho-Oncology is an area that is currently growing, given the increase of cancer cases in the Brazilian current scenario in recent years, as well as the importance of the psychology professional in the oncology services, since psychological counseling is essential for patients and family members in the stages of cancer treatment. The present study aimed to identify the perceptions of Psychology trainees about the supervised internship in Psycho-Oncology. This was a qualitative study, conducted through semi-structured interviews, and had as participants five students of Psychology from a private university of Cariri region. The results showed that the traineeship in Psycho-Oncology allowed the development of a more attentive clinical

¹Graduanda do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará. Email: janaina.sampaio97@gmail.com

²Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: joellima@leaosampaio.edu.br

listening, as well as a sensitivity to welcome the patient. It also provided the humanization in dealing with patients and increased empathy and personal growth of the trainees. In relation to

the difficulties encountered, facing death caused a shock and a feeling of helplessness in the interns. And still, attending in the hospital context was a challenge, since along the graduation practices are taught in a clinical mold. About the *coping* strategies used by the trainees, it was noted the importance of friends, supervision, the preceptor and psychotherapy, as well as the family. However, it must be emphasized the shortage in works of literature that approach about the traineeship in Psycho-Oncology, which promotes the need for more research on the topic, so that it is offered appropriate support to trainees during their internships.

Keywords: Cancer. Psycho-Oncology. Supervised internship. Coping.

1 INTRODUÇÃO

A Psico-Oncologia, corresponde a uma área de intercessão entre a Psicologia e a Oncologia (VEIT; CARVALHO, 2010). Ela pode ser descrita como um campo interdisciplinar da área da saúde que busca estudar acerca das influências de fatores psicológicos no desenvolvimento, tratamento e reabilitação de pacientes com câncer. Um dos seus objetivos principais é identificar fatores psicossociais e contextos ambientais em que a intervenção psicológica auxilie no processo de enfrentamento da doença, incluindo as situações estressantes as quais os pacientes e familiares são submetidos (COSTA JUNIOR, 2001).

Seu nascimento se deu a partir dos movimentos de humanização do atendimento de pacientes com câncer e da entrada da Psicologia nas instituições de saúde, quando começou a se considerar os aspectos emocionais como fatores que também precisavam de atenção e de cuidados. Ademais, recebeu em seu surgimento influências de fatores ligados ao desenvolvimento científico, sendo uma resposta para uma demanda dos tempos atuais, onde o câncer acomete cada vez mais pessoas, e em alguns casos, as pesquisas não encontram explicações totais para as suas causas (CAMPOS, 2010).

Deste modo, a presente pesquisa se justifica pelo aumento de casos de câncer no cenário atual brasileiro nos últimos anos, bem como a importância do profissional de Psicologia nos Serviços de Oncologia, uma vez que o acompanhamento psicológico é indispensável para os pacientes e familiares nas fases de tratamento do câncer, sendo a presença da Psico-Oncologia fundamental para a promoção de condições de qualidade de vida desses enfermos (BARROS, 2013; COSTA JUNIOR, 2001). Com isso, percebe-se a necessária formação de profissionais de maneira adequada para essas novas áreas de atuação, sendo os estágios supervisionados durante a graduação uma das possibilidades de contribuição para essa formação.

Além disso, justifica-se ainda a escolha do tema a partir de inquietações causadas durante o estágio supervisionado em Psicologia Hospitalar, na área de Psico-Oncologia, onde foi possível vivenciar momentos de comparações e lacunas entre o arcabouço teórico adquirido ao longo da formação profissional e a prática durante o estágio. Isso possibilitou a reflexão sobre a importância dos estágios, bem como das supervisões para sanar dúvidas levantadas durante esse percurso.

Portanto, como objetivo geral, o presente trabalho visou identificar quais as percepções de estagiários de Psicologia acerca do estágio supervisionado em Psico-Oncologia. Os objetivos específicos foram analisar quais as contribuições do estágio supervisionado em Psico-Oncologia para a formação profissional do estagiário, identificar quais desafios foram encontrados pelos estagiários durante o estágio em Psico-Oncologia e por fim verificar quais as estratégias de *coping* mais utilizadas pelos estagiários para lidarem com adversidades encontradas nos estágios.

Com base no questionamento que conduziu este trabalho, a hipótese primária lançada foi a de que as supervisões de casos e suporte pedagógico oferecidos colaboram no suporte aos desafios encontrados ao longo do estágio supervisionado em Psico-Oncologia.

Sendo assim, percebe-se a relevância dessa temática no momento atual, tendo em vista a importância da Psico-Oncologia nos Centros de Oncologia brasileiros, bem como a necessidade de se preparar profissionais de Psicologia ainda durante a graduação para atender essa demanda.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A PSICO-ONCOLOGIA

A Psico-Oncologia é considerada uma sub-área da Oncologia, ou ainda, uma área de intercessão entre a Psicologia e a Oncologia (CARVALHO, 2002). De acordo com Campos (2010), a Psico-Oncologia é responsável pelo cuidado com os aspectos de ordem psíquica que são decorrentes da doença e do seu tratamento. Além disso, o autor ressalta que cada tratamento desencadeia sentimentos e comportamentos distintos, que são vivenciados de forma singular por cada paciente, este que assume, da sua maneira, formas particulares de enfrentamento para lidar com o câncer.

Vale salientar que, de acordo com Coutinho, Costa Junior e Kanitz (2000), a noção de enfrentamento aparece em meados dos anos 40, termo esse que foi utilizado para se referir a

diversos comportamentos aos quais os pacientes com câncer, seus familiares e a equipe médica exibiam em diferentes contextos envolvendo a doença. Sendo assim, o enfrentamento está ligado ao fato do indivíduo se deparar com situações de riscos e se esforçar para adaptar-se a ela, criando novos comportamentos ou adaptando estilos antigos. O enfrentamento, está relacionado a como o paciente lida com a doença (BARROS, 2013).

Acerca do surgimento da Psico-Oncologia, pode-se entender que se deu inicialmente através da expansão das áreas de atuação da Psicologia, quando ela ganhou espaço na área da saúde. Em meados da década de 70 ocorreu um marco importante, pois nesse período a presença de psicólogos e psiquiatras passou a ser demandada pelos médicos oncologistas, para auxiliá-los na comunicação do diagnóstico de câncer aos pacientes e familiares (CARVALHO, 2002). Além disso, houve uma contribuição dos movimentos de humanização do atendimento de pacientes com câncer, onde começou a se considerar os aspectos emocionais como fatores que precisavam de atenção e de cuidados (CAMPOS, 2010).

Vale ressaltar, que segundo Costa Junior (1999), as investigações acerca de fatores causadores e variáveis psicológicas que pudessem explicar o fato de algumas pessoas serem mais propensas ao câncer ocorrem há mais de um século. Para o referido autor, o primeiro estudo publicado que descreveu variáveis psicológicas em pacientes oncológicos ocorreu no início dos anos 50.

Vale mencionar que os avanços mais importantes na Psico-Oncologia ocorreram apenas a partir dos anos 80, ao se iniciarem pesquisas para buscar variáveis sociais que intervissem nos momentos de prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação do câncer (COSTA JUNIOR, 1999).

É através das iniciativas de Jimmie Holland em 1980, nos Estados Unidos que a Psico-Oncologia se firma como uma área específica de estudos, inicialmente sendo definida como uma subespecialidade da Oncologia, que busca estudar as repercussões que o câncer assume no funcionamento emocional do paciente, seus familiares e profissionais que fazem parte do tratamento, bem como buscar compreender quais os papéis assumidos pelas variáveis psicológicas e comportamentais atreladas ao câncer (BARROS, 2013). Os pesquisadores se preocuparam ainda em estudar sobre o controle da dor e promoção da qualidade de vida do paciente, assim como os efeitos de estratégias de intervenção e suporte nesses pacientes (COSTA JUNIOR, 1999).

No Brasil, em 1994 foi criada a Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia, que desde então oferece cursos de especialização voltados para os profissionais da área (BARROS,

2013). Mas somente com a portaria nº 3535, de 02 de fevereiro de 1998, é que o Ministério da Saúde reconhece a importância da atuação desses profissionais, passando a exigir através de tal portaria, que os serviços de Oncologia credenciados pelo Sistema único de Saúde (SUS) tivessem a Psicologia Clínica como uma especialidade presente nos serviços considerados de suporte (BRASIL, 1998).

De acordo com Costa Junior (2001) a Psico-Oncologia tem como papel auxiliar no enfrentamento de eventos estressantes relacionados ao tratamento dessa patologia, como por exemplo os períodos prolongados de tratamento, o tratamento medicamentoso agressivo e seus efeitos colaterais indesejados, a submissão a procedimentos médicos invasivos e dolorosos, assim como as alterações de humor do paciente, este que muitas vezes se encontra desmotivado ou até mesmo depressivo, além da possibilidade de recidiva da doença.

Destarte, percebe-se a importância da Psico-Oncologia, nos Serviços de Oncologia para acompanhar os pacientes em tratamento, e os familiares (BARROS, 2013; COSTA JUNIOR, 2001). O psicólogo da equipe de oncologia assume o papel de oferecer apoio aos pacientes, para que eles aprendam a lidar e conviver com a doença, bem como os medos, fantasias, angústias, e momentos estressantes oriundos desse processo (BRAGUIN; LANGE; MORIN, 2008).

Este acompanhamento psicológico pode ser compreendido como uma “intervenção de apoio disponibilizada pelo psicólogo ou especialista em Psico-Oncologia, de caráter breve” na qual o profissional, de forma abrangente deve voltar seu olhar para o paciente, e também para os familiares e a equipe de profissionais que prestam cuidados a ele (BARROS, 2013, p.1388). A intervenção deve se estender ainda ao entendimento das repercussões do adoecimento na vida do paciente, de modo a mobilizá-los a buscar estratégias de enfrentamento de tal situação e novos significados para o adoecimento e para a sua vida (BARROS, 2013; BOAVENTURA; SILVA, 2011).

O atendimento aos pacientes oncológicos é revestido de uma especificidade, que só aparece no atendimento a esse tipo de enfermo, visto que cada sujeito vivencia o seu adoecimento de forma singular (CAMPOS, 2010; BENITES; NEME; SANTOS, 2017). E com isso, Barros (2013) salienta que o acompanhamento psicológico deve ser centrado no paciente. Todavia, alguns fatores devem ser compreendidos:

- (1) fase do ciclo vital em que se encontra o indivíduo quando adoece, (2) qualidade da estrutura familiar que lhe dá suporte, (3) ao papel social ocupado pelo paciente no momento da doença, (4) às suas condições socioeconômicas, (5) ao nível de informação e educação que possui, (6) às características de personalidade e, (7) finalmente, ao tipo de doença (já que o câncer é uma doença absolutamente

plural) e fase do tratamento em que o acompanhamento é realizado (BARROS, 2013, p. 1388).

Ainda de acordo com Barros (2013), as formas de atuação em Psico-Oncologia são diversas, podendo serem utilizadas técnicas como escuta ativa, técnicas de relaxamento, ou terapias de expressões artísticas, musicais e psicodrama para diminuição da ansiedade e do estresse mostram-se eficazes. Além disso, o autor ressalta que o profissional de Psicologia pode prestar esclarecimentos acerca dos efeitos dos diferentes tipos de tratamentos como a quimioterapia, a radioterapia, ou a cirurgia, contribuindo assim para uma melhor adesão do tratamento e diminuição de temores.

Segundo o autor, é de suma importância ainda sensibilizar os pacientes sobre a importância de terem atitudes de autocuidado, para que eles percebam sua importância no tratamento. Sendo assim, questões ligadas a autoestima, autoconfiança devem ser trabalhadas, para que eles percebam que possuem o seu próprio poder de encontrar soluções (BARROS, 2013).

Em pacientes que estão sob Cuidados Paliativos, uma das atuações do psicólogo diz respeito a escutar de forma clínica esse paciente, facilitando o seu reconhecimento, e ressignificação dos seus olhares acerca da experiência vivenciada, olhar este que muitas vezes traz prejuízos e sofrimento para sua vida. É de suma importância que esse cuidado seja prestado o mais precocemente possível, ao paciente e seus familiares, mostrando assim que tais momentos podem ser compartilhados. É papel do psicólogo ainda, de acordo com a OMS, auxiliar a família e os pacientes nos problemas pessoais e sociais decorrentes da doença, bem como oferecer apoio durante o seu progresso e nos processos de luto (MENEZES; MELO; VALERO, 2013; FERREIRA; LOPES; MELO, 2011; ANCP, 2009).

2.2 O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA

O estágio comumente é pensado como a oportunidade de ser colocado em prática o que foi visto teoricamente durante os cursos de formação profissional (LIMA; PIMENTA, 2018). Todavia, o conceito de estágio sofreu mudanças ao longo do tempo, deixando de ser apenas uma atividade onde havia o acompanhamento de um mestre, durante o período da Idade Média, para ser algo presente no currículo das instituições de ensino. O termo estágio foi citado pela primeira vez na literatura no ano de 1080, e desde o seu nascimento sempre foi associado à aprendizagem posta em prática sob o auxílio de supervisão. E no Brasil, as transformações desse conceito foram se dando a partir da evolução da legislação educacional

(BALLÃO; COLOMBO, 2014).

O termo estágio é definido ainda na Lei nº 11728, de 28 de setembro de 2008 como um ato educativo supervisionado desenvolvido em um ambiente de trabalho. Tem a finalidade de proporcionar uma preparação de alunos que estejam frequentando o ensino superior, educação profissional, ensino médio, educação especial ou a modalidade profissional da educação de jovens e adultos (EJA) (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, a função do estágio é “reforçar o aprendizado profissional do educando através da experiência prática”, uma vez que ele possibilita ao aluno, com a presença de um supervisor, colocar em prática conhecimentos vistos teoricamente. O educando terá como auxílio a figura desse supervisor, para corrigir eventuais erros e orientar acerca do seu fazer de forma correta, de modo que, esse aprendizado possa oferecer subsídios para sua prática profissional ser realizada de forma condizente com as atribuições que lhe forem destinadas. E que ainda, ele possa desenvolver uma visão crítica acerca da sua atuação (BALLÃO; COLOMBO, 2014, p. 171; CUNHA; OLIVEIRA, 2006).

Voltando-se o olhar para a área da Psicologia, que foi regulamentada como ciência e profissão no ano de 1962, por meio da Lei nº 4.119 (BRASIL, 1962), a história dos estágios supervisionados nos currículos dos cursos de Psicologia também é recente. Somente no ano de 2004, por meio da RESOLUÇÃO Nº 8, DE 7 DE MAIO DE 2004, o estágio supervisionado passou a fazer parte dos currículos do curso de formação em psicologia. É notável a sua importância no processo de formação do psicólogo, tendo em vista que:

Os estágios supervisionados visam assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, sendo recomendável que as atividades do estágio supervisionado se distribuam ao longo do curso (BRASIL, 2004, p. 6).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Psicologia, em virtude das diversas orientações teórico-metodológicas, contextos de inserção do profissional de psicologia, a grade curricular do curso deve conter no mínimo duas ênfases curriculares, as quais o aluno possa escolher. As ênfases curriculares são “entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia” (BRASIL, 2011, p. 4).

Essas ênfases curriculares são definidas no projeto do curso, tendo em vista que envolverão um conjunto menor de competências e habilidades dos profissionais, de modo que possam integrar o grupo maior das competências gerais do psicólogo. Além disso, essa

definição deve levar em conta ênfases nas quais a instituição de ensino possua suporte e possibilidades para tal, e que englobem demandas sociais pertinentes na atualidade daquela região (BRASIL, 2011).

Algumas sugestões de ênfases curriculares são as ênfases em Psicologia e processos de investigação científica; Psicologia e processos educativos; Psicologia e processos de gestão; Psicologia e processos de prevenção e promoção da saúde; Psicologia e processos clínicos; Psicologia e processos de avaliação diagnóstica. Assim, as definições das ênfases curriculares devem conter ainda as competências e as disciplinas que forneçam subsídios a nível de conhecimento teórico para as atuações nos contextos referentes a cada ênfase (BRASIL, 2011).

Com isso, entende-se que os estágios supervisionados nas ênfases curriculares, escolhidas pelos alunos, proporcionam uma diminuição da distância entre a sala de aula e o campo de atuação do profissional de psicologia. Todavia, também são momentos aos quais os formandos vivenciam dificuldades, dúvidas e angústias. A falta de conhecimentos em relação a prática profissional, problemas com os supervisores, ou ainda dificuldade para a resolução de problemas são questões que se apresentam nas falas dos estagiários (BARBOSA; FIGUEIREDO; FREITAS, 2017; NÓBREGA; SANTOS, 2017).

Mediante a possibilidade das dificuldades as quais os estagiários poderão vivenciar, ressalta-se a importância das supervisões de estágio. De acordo Silva Neto, Oliveira e Guzzo (2017), a supervisão de estágio diz respeito a uma modalidade didático-pedagógica, na qual os estudantes participam diretamente de situações do contexto profissional de áreas específicas, buscando correlacionar assim questões teóricas com a prática. E nesse sentido, evidencia-se a importância da presença das supervisões de campo e de orientação (GUZZO; OLIVEIRA; SILVA NETO, 2017).

Evidencia-se ainda a necessidade de o supervisor de estágio ser um profissional comprometido com a sua prática. E ao se tratando do orientador da supervisão de estágio, este deve ser alguém com experiência específica na área de estágio. Além disso, se tratando do estágio em Psicologia, o supervisor deve ser psicólogo, e possuir inscrição ativa e regular no Conselho de Regional de Psicologia (BRASIL, 2018). E com isso, percebe-se a necessidade da supervisão para além da técnica, com fins de orientação, uma vez que ela possibilita condições de mediação, e de oferecimento de espaços de fala, de análise, discussões e ressignificações das experiências vivenciadas pelos estagiários em seus campos de estágio (NÓBREGA; SANTOS, 2017).

E mesmo diante de desafios enfrentados, ressalta-se a importância da presença dos

estágios nas grades curriculares dos cursos, pois como mencionado anteriormente, é um momento de enriquecimento de conhecimentos, e momento ainda de aproximação do fazer profissional no qual o formando irá encontrar ao ingressar no mercado de trabalho (NÓBREGA; SANTOS, 2017).

2.3 O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA HOSPITALAR

Simonetti (2018) define a Psicologia Hospitalar como um campo de entendimento e de tratamento dos aspectos psicológicos que estão em volta do adoecimento. Ele ressalta ainda que a Psicologia Hospitalar não trata apenas de doenças que possuem causas psíquicas ou mais conhecidas como psicossomáticas, como rotineiramente é pensado, mas sim dos aspectos psicológicos e subjetivos envolvidos em toda doença.

A inserção do profissional de Psicologia no ambiente hospitalar brasileiro teve início entre os anos de 1954 e 1957, por meio da abertura do Serviço de Psicologia no hospital das clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Tendo como principal pioneira Matilde Néder, as intervenções eram voltadas para o acompanhamento pré e pós-operatório de crianças que iriam realizar cirurgias na coluna cervical (AZEVEDO; CREPALDI, 2016; MARCON; LUNA; LISBÔA, 2004).

O psicólogo hospitalar tem um papel importante no cuidado mais humanizado do paciente em sua hospitalização. Este pode intervir na maneira do paciente vivenciar os problemas decorrentes da patologia, da hospitalização e dos tratamentos e reabilitação que este é submetido. Os atendimentos assim, são voltados para os sintomas emergenciais da doença (ALAMY, 2007; MOTA; MARTINS, 2006).

Acerca do estágio em Psicologia Hospitalar, segundo Costa e Silva (2015), tem como objetivo a obtenção da aprendizagem prática dos conteúdos vistos teoricamente ao longo da formação, como por exemplo a aprendizagem acerca de conhecimentos específicos para intervir junto a pacientes e familiares no contexto hospitalar. Todavia, a prática de estágio na área da saúde articulada com a formação que o aluno recebe, pode ser fonte de grande sofrimento, dúvidas e ainda conflitos (FREITAS; FIGUEIREDO; BARBOSA, 2017).

O medo de errar, o fato de lidar com seres humanos em sofrimento pode aumentar a ansiedade dos graduandos, assim como também uma metodologia de supervisão pautada em apontar os erros cometidos durante esse processo. Nesse sentido, torna-se importante que haja uma relação satisfatória e harmônica entre supervisor e aluno, visto que isso é um fator decisivo para que o estágio se desenvolva de forma satisfatória e de qualidade. E ainda,

ressalta-se a importância de uma boa relação entre o estagiário e seu campo de estágio, pois a qualidade dessa relação assume papel central para a aprendizagem do estagiário (FREITAS; FIGUEIREDO; BARBOSA, 2017).

Dentro do estágio em Psicologia Hospitalar, o estagiário pode atuar na área de Psico-Oncologia, dando suporte a pacientes oncológicos. Tal área não se exime das dificuldades que os alunos podem enfrentar no seu percurso de estágio. Em estudo feito por Scorsolini-Comin, Vilela e Souza e Santos (2008) com estagiários em Psico-Oncologia, os resultados mostraram que, dentre as dificuldades vivenciadas, destaca-se a de compreender as limitações de alguns pacientes frente ao enfrentamento de uma realidade muitas vezes cruel e opressiva, que marca a maior parte das vivências de pacientes com câncer. Todavia, os achados apontaram também que ao longo do percurso de estágio, os estagiários começaram a desenvolver essa compreensão.

Nesse contexto, Guedes (2006) destaca algumas dificuldades que os estagiários podem encontrar na sua atuação no contexto hospitalar. A primeira delas se refere ao próprio ambiente em si, este que tem a presença de sofrimento, dor, longas filas de atendimento, causando por vezes choque nos estagiários, estes que muitas vezes não estavam acostumados com a realidade da assistência pública. Além disso, o contato com o paciente e os moldes de atendimento diferentes da clínica podem causar estranhamento, assim como o suporte que necessita ser dado aos familiares. Outro ponto que pode ser apontado como desafio é o relacionamento com a equipe de saúde, esta que pode não ser receptiva ou gerar impasses no estagiário.

Siqueira, Martins e Campos (2017) em reflexão feita acerca de um estágio em Psico-Oncologia realizado em um hospital filantrópico, ressaltam que a atuação do estagiário tinha como prioridade abordar o paciente de forma acolhedora e empática, e buscando entender como o sujeito experienciava sua situação atual de adoecimento, bem como se encontrava seu estado emocional. E ainda, propiciava suporte para que o indivíduo lidasse melhor com a situação vivida.

3 MÉTODO

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com caráter exploratório. Para Minayo (2002) a pesquisa qualitativa busca compreender significados, crenças, valores, atitudes, necessitando assim de um aprofundamento nas relações, o que não seria possível através de métodos estatísticos ou matemáticos. E quanto aos objetivos mais amplos, a

pesquisa de caráter exploratório, de acordo com Gil (2018), busca proporcionar uma maior familiaridade com o problema levantado.

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), localizado na cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará, foi inaugurada em 2001 com o objetivo de promover educação superior de qualidade, bem como buscar contribuir com o desenvolvimento da região. Atualmente conta com diversos cursos de graduação divididos em três campus, todos localizados em Juazeiro do Norte: o Campus Crajubar, o Campus Saúde, e em 2009 foi inaugurado o último campus, denominado Campus Lagoa Seca, sede da Clínica-Escola da instituição que foi inaugurada em 2012, e além de ser campo de estágio prático, atende gratuitamente a comunidade.

Um dos cursos ofertados pela instituição, dentre tantos outros é o curso de Psicologia, que foi criado há mais de 10 anos, e conta com um grupo de docentes comprometidos com a formação dos seus alunos. Atualmente, conta com o Serviço de Psicologia Aplicada, uma das possibilidades de estágio prático, todavia, a Unileão possui convênio com outras instituições, como escolas, equipamentos de políticas públicas, empresas e hospitais, dentre outros campos que recebem os estagiários de psicologia para exercerem suas práticas.

3.2 SUJEITOS

O presente estudo teve a participação de 05 (cinco) colaboradores (alunos do curso de Psicologia devidamente matriculados), de ambos os sexos, masculino e feminino, que já realizaram o estágio supervisionado na área de Psico-Oncologia. Os participantes da pesquisa foram selecionados aleatoriamente, sendo a amostra feita por conveniência. Assim, foi realizado o convite e esclarecido o objetivo do trabalho, e todos aceitaram participar.

Acerca do sexo dos participantes do estudo, três são do sexo feminino e dois são do sexo masculino, e têm idade de 21 a 24 anos. Quanto a escolaridade, todos possuem ensino superior incompleto. No tocante à religião, três se declararam católicos, um se declarou sem religião e um se declarou católico e com doutrina espírita. Em relação à renda familiar, três participantes relataram possuir uma renda de um a três salários mínimos, e dois participantes afirmaram possuir renda de três a seis salários mínimos. Todos os participantes relataram

estar no décimo semestre do curso de graduação em Psicologia, e todos moram com a família.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, na qual continham as seguintes perguntas: (1) o que te fez escolher Psicologia? (2) já fez outro curso ou pensa em fazer? (3) como você percebe a importância da Psicologia hoje nos diversos campos de atuação? (4) já fez estágio em outra área? Qual? (5) como surgiu o interesse pela Psico-Oncologia? (6) de que forma o estágio em Psico-Oncologia contribuiu na sua formação profissional? (7) como avalia seu crescimento enquanto pessoa, após o estágio? (8) quais os principais desafios/dificuldades que você identificou no campo de estágio? (9) o que fez pra lidar com eles? (10) houve algo/alguém que lhe ajudou ou apoiou? (11) se fosse possível citar a situação mais difícil que você enfrentou, qual seria? (12) como percebe a psicoterapia para os estagiários? (13) qual o papel da supervisão e do preceptor durante a trajetória do seu estágio?

As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador e transcritas posteriormente, na íntegra, pela pesquisadora, e foram realizadas através do App Zoom, sendo esta uma das ferramentas mais utilizadas na atualidade para reuniões e atendimentos virtuais. Os colaboradores responderam a pesquisa após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e assinatura do Termo de Consentimento Pós Esclarecido.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Em relação a análise dos dados, esta foi realizada por meio da proposta de Análise de Conteúdo desenvolvida por Demartini (1988). Segundo a autora, os dados coletados precisam ser lidos cuidadosamente e repetidamente, tendo sempre em vista o objetivo principal da pesquisa. Posteriormente deve ser realizado um fichamento desses dados, visando assim a utilização de trechos das entrevistas. E após isso, é realizado um agrupamento por temas e subtemas, para que assim essas informações possam ser vistas em suas especificidades, diferenças e semelhanças.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O ESTÁGIO EM PSICO-ONCOLOGIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL/PESSOAL

No tocante ao estágio em Psico-Oncologia e a sua contribuição na formação profissional e pessoal dos estagiários, algumas sequências discursivas merecem ser enfatizadas:

Olha, contribuiu muito e isso eu tenho certeza, que eu consegui perceber dentro da minha, da escuta clínica, de você prestar mais atenção aos detalhes do que o paciente traz né, e consegue de certa forma elaborar para devolver. E em relação à sensibilidade de acolhimento daquele paciente, que era uma coisa que até então me via muito enrijecida até para me proteger, e foi uma sensibilidade assim tão significativa né, que me tocou ao ponto de me priorizar, que foi no momento que eu vi ali que eu precisava fazer psicoterapia (E01- 22 a- F)^{1*}.

[...] contribuiu de uma forma gigante, eu acho que tanto de conhecimento, sabe? Como uma forma de eu estou, eu posso ser, ser alguém assim, que posso fazer algo por outra pessoa (E02- 23 a- F).

[...] contribuiu bastante pra quebrar mais aquela perspectiva da clínica (E03- 24 a- M)

[...] o contexto da Psico-Oncologia, ela foi capaz de me proporcionar uma escuta educada, aonde eu soube identificar a partir daquilo que chegava até mim, o que era demanda, o que era queixa né? Em qual processo o paciente estava (E05- 21 a- M)

Diante dos relatos, percebe-se a importância que o estágio em Psico-Oncologia teve no quesito de os estagiários desenvolverem uma escuta clínica, educada, e de forma mais atenta, bem como a percepção de que eles podem fazer algo por aqueles sujeitos, como se evidencia a fala dos participantes E01 e E02. Sobre esses aspectos, Dutra (2004) salienta que o chama a atenção na escuta clínica é a qualidade da escuta e também do acolhimento oferecido ao outro, este que apresenta uma demanda de sofrimento para que, quem está diante dele compreenda tal demanda.

Nesse sentido, destaca-se a importância do acolhimento, do acolher, que, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010, p.6), se refere a “ dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a [...] uma ação de aproximação, um ‘estar com’ e um ‘estar perto de’ [...]”. E ainda, possui a capacidade de medir a forma como o sujeito gostaria de ser cuidado,

* No intuito de preservar a identidade dos participantes da entrevista foi atribuída para cada pessoa uma sigla, em que a letra E se refere a cada entrevistado, seguida do número, de acordo com a ordem de realização da entrevista, seguida ainda da idade do entrevistado e sexo.

sendo, portanto, essencial nas práticas de saúde (SILVA; ROMANO, 2015). E de acordo com a fala da participante E01, durante o estágio é possível desenvolver uma sensibilidade para acolher, visto que, para Schimiguel et al. (2015) ao acolher, parece se tornar mais evidente ainda o cuidar ofertado ao paciente com oncológico, além de que, de acordo com a Política Nacional de Humanização, as práticas de saúde devem ser pautadas no acolhimento, esta que é uma das diretrizes dessa política (BRASIL, 2013).

Diante das sequências acima, percebe-se o reconhecimento dos estagiários acerca da necessidade de se fazer psicoterapia durante o estágio, conforme destacado na E01. E, segundo Meira e Nunes (2005), o profissional de Psicologia trabalha com situações limites, evidenciando assim a necessidade de cuidado com sua saúde mental. Ainda segundo os autores, deve-se considerar que, ao longo do curso, os estudantes de Psicologia são orientados e incentivados a fazerem psicoterapia, sendo assim uma condição que contribui com sua formação.

O estágio em Psico-Oncologia possibilitou um crescimento considerável em relação a formação dos entrevistados. Tal crescimento contribuiu na formação tanto na dimensão profissional, como também na dimensão pessoal, conforme as falas evidenciam:

[...] contribuiu muito para o meu crescimento, como eu falei né, é tanto da clínica como de escuta Clínica né, de elaboração e conhecimento, de ser uma área nova que a faculdade não oferece, mas também de uma evolução até espiritual mesmo (E01-22a- F)

[...] me fez crescer muito na forma que eu enxergo as pessoas como um todo, hoje eu aprendi a não julgar de imediato, que a gente vive no mundo onde todo mundo fala de todo em saber o que está por trás, sem saber da história daquela pessoa, então acredito que hoje eu sou um ser humano melhor, eu acho que hoje eu tenho mais empatia (E02- 23a- F)

Houve muito crescimento pessoal, muito muito crescimento pessoal. Eu acredito que não tem como a gente ser psicólogo, deixando de ser humano né? Então essas experiências, elas humanizam a gente, nos tornam cada vez mais empáticos (E05-21a- M)

Diante dos resultados obtidos, foi possível perceber que o estágio em Psico-Oncologia contribuiu e proporcionou um crescimento pessoal nos estagiários, conforme as falas acima destacadas por E01, E02 e E06. Nesse aspecto, segundo Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017), é através da experiência de estágio como um contato com a prática profissional, que o aluno cresce juntamente com seu paciente, visto que o estágio proporciona experiências que contribuem para a aproximação à prática profissional propriamente dita.

Ainda é válido destacar um dado importante do estudo, que foi o fato de a experiência do estágio possibilitar a humanização no trato com os pacientes, bem como o aumento da empatia nos estagiários. Tal fato assume grande relevância, tendo em vista que, uma das diretrizes que norteiam a Política Nacional de Atenção Hospitalar é a atenção humanizada (BRASIL, 2013). Além disso, destaca-se ainda a importância de o estagiário enquanto futuro profissional da área da saúde, desenvolver uma prática pautada na humanização, visto que, de acordo com Freitas e Moretto (2014) as instituições de saúde possuem dificuldade de prestar um atendimento humanizado aos pacientes, dificuldades essas que podem se dar devido a diversos fatores, que vão desde dificuldades estruturais, ou até mesmo a falta de equipe multidisciplinar.

Em linhas gerais, acerca da formação profissional e pessoal, percebe-se que houve crescimento e contribuição do estágio em Psico-Oncologia para o crescimento em ambas as dimensões, seja através do desenvolvimento de uma escuta clínica, seja um olhar para suas próprias questões, ou até mesmo o reconhecimento da importância de se buscar uma formação cada vez mais completa, uma vez que a psicoterapia faz parte do processo de formação. E ainda, foi possível desenvolver um olhar mais cuidadoso acerca do outro, e percebê-lo como um todo.

4.2 DESAFIOS E DIFICULDADES DURANTE O ESTÁGIO EM PSICO-ONCOLOGIA

Durante os estágios curriculares, autores como Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017) salientam que é comum os alunos encontrarem dificuldades para intervir, visto que é o momento em que há um confronto entre a teoria vista ao longo da graduação, e a prática vivenciada no campo de estágio. Com isso, diante dos desafios e dificuldades encontrados durante o estágio em Psico-Oncologia, algumas falas dos participantes do estudo em questão merecem destaque:

Foi o encontro com os casos, assim que me abalaram muito, assim, de forma de eu não saber o que fazer né simplesmente... (pausa) De, de situações que eram muito próximas de, da gente partir para o conceito da finitude da vida, de você tá ali diante da morte, e diante da morte não se há jeito né? (E01- 22a- F)

[...] eu acho que um dos piores, maiores desafios e dificuldades que eu já encontrei foi justamente que eu já falei antes, dessa questão do, do paciente chegar para você dizer que quer viver, pedir para fazer alguma coisa por ele, e você não tem o que fazer, a não ser ouvir. E aí muitas vezes eu me pegava perdida sem saber o que dizer nessas horas, porque a gente não sabe o que a gente vai ouvir dos pacientes. E a gente nunca tá preparado, a gente nunca tem uma resposta [pra tudo] (E02- 23a- F)

[...] eu acho que uma das maiores dificuldades era isso, é você era ver o sofrimento dessas pessoas e não poder fazer mais. (E02- 23a- F)

Tendo como base as sequências citadas, é possível inferir que estar diante da morte causa abalo para os estagiários, e que a finitude é algo considerado certo para todos, impossibilitando-nos de agir diante dela, conforme a E01 explicita. Ainda, pode-se observar a presença de um sentimento de impotência diante da morte, quando a entrevistada afirma em sua fala: “do paciente chegar até você (...) pedir para fazer alguma coisa por ele, e você não tem o que fazer”, conforme a E02 salienta.

Nesse sentido, é válido refletir sobre uma possível falha nas grades curriculares dos cursos da saúde, como afirmam Bifulco e Iochida (2009), visto que o tema morte é pouco abordado. E se tem a forte concepção de que o modelo de atenção à saúde é sempre pautado na prevenção, diagnóstico e tratamento curativo, o que não acontece em pacientes oncológicos com prognóstico desfavorável por exemplo, uma vez que não se tem mais possibilidades de tratamento curativo e isso gera sentimento de impotência nos profissionais, ao se depararem com esses pacientes (REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014).

Além das dificuldades de lidar com a morte, outros desafios foram encontrados ao longo do estágio em Psico-Oncologia, sendo um deles a dificuldade de atendimento no contexto hospitalar conforme evidencia a fala abaixo:

[...] eu vou ressaltar aqui novamente a questão da visão que a própria faculdade traz, que é muito clínica, clinica, clinica. E aí quando a pessoa vai pra, pra qualquer campo em específico a gente se depara com novas, com desafios e aí dentro do hospital um deles é tipo o próprio atendimento em si, a dificuldade de atender, de atender entre um leito e outro e a falta de um setting terapêutico pra gente desenvolver, desenvolver essa escuta, realizar esse acolhimento, então é muito desafiador (E03- 24 a- M)

Vê-se no relato do participante E03 dificuldades encontradas de atender no contexto hospitalar. Acerca disso, Simonetti (2018) resalta que é visível que o ambiente hospitalar dificulta os atendimentos psicológicos, o que exige do profissional uma flexibilidade e criatividade para dar contorno as dificuldades encontradas. Ainda, percebe-se que ao longo da graduação, as práticas são ensinadas apenas em um molde clínico, como explicita o participante E03, e com isso, abre-se uma necessidade de reflexão e avaliação acerca do suporte teórico que o aluno possui ao longo da graduação e a realidade encontrada na prática.

Simonetti (2018) enfatiza ainda que o atendimento do psicólogo ou da psicóloga hospitalar se dá onde o paciente se encontra, e não em uma sala fechada como se comumente é feito em outros espaços, tendo em vista a estrutura hospitalar. E ainda, o modelo da psicologia clínica não se enquadra na Psicologia Hospitalar.

Outras dificuldades foram elencadas pelos participantes, conforme as falas explicitam:

E eu acho que esses foram os principais desafios, essa questão de lidar com você mesmo diante dessas questões que não lhe cabem, mas que você fica se incomodando com certas coisas que acontecem, mas é extremamente necessário passar por isso para que você aprenda o seu lugar quando profissional, e a lidar com suas questões, e saber diferenciar isso sabe? O que é meu e o que é daquela pessoa, que é daquela família, e o que é que me cabe atuar, onde é que me cabe falar alguma coisa, isso é um desafio muito grande, mas que você só aprende na prática. Eu acho que essa questão de lidar com seu cansaço, a de lidar com exaustão e com todas as energias que são sugadas de você. É... e acho que isso, acho que isso principalmente, conseguir se manter forte diante de todos os atendimentos, porque são relatos muito fortes, tem um sofrimento muito vivo ali, de no momento que a pessoa chorar horrores enquanto tá com você. (E04- 21a- F)

uma também das dificuldades que eu encontrei durante o período foi poder lidar com as minhas próprias questões pessoais que vão surgindo mesmo que a gente não queira” (E05- 21a- M)

Dificuldades como exaustão e a dificuldade em lidar com as próprias questões pessoais, foram presentes, evidenciando assim a importância da psicoterapia na formação dos estagiários de Psicologia. Acerca da exaustão encontrada no ambiente hospitalar, Veiga (2005) aponta que há fontes de estresses que podem estar ligadas a prática do psicólogo no hospital, como por exemplo o contato com a dor dos pacientes, a morte e o sofrimento, além de dificuldades em se inserir a equipe de trabalho, bem como situações de crise, recusa de pacientes ao atendimento, e ainda uma falta de formação adequada na área hospitalar ou até mesmo uma isenção dessa formação.

4.2.1 ESTRATÉGIAS DE COPING UTILIZADAS PELOS ESTAGIÁRIOS DURANTE O ESTÁGIO

Autores como Antoniazzi, Dell’Aglia, Bandeira (1998) definem *coping* como um conjunto de estratégias que são utilizadas por sujeitos, para se adaptarem a situações adversas. Durante o estágio, percebe-se que formas de enfrentar situações estressoras são utilizados pelos estagiários, e nas falas abaixo, são descritas algumas formas utilizadas para lidar com a situação:

É... eu fui bem aberta na supervisão (E01- 22a- F)

[...] um apoio gigantesco pra mim foi a minha supervisora, porque ela tava sempre ali pra me acolher quando as coisas me incomodavam, e para me colocar no eixo de novo e me dizer: e agora você vai fazer de novo [...] O meu supervisor de estágio também foi muito importante (E04- 21a- F)

Eu acho que me trabalhar muito pessoalmente (E04- 21a- F)

Ainda tendo como base as falas citadas anteriormente, Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017) afirmam que os desafios encontrados pelos estagiários durante sua prática fazem com que eles busquem alternativas e estratégias lhe se auxiliem na superação das dificuldades encontradas ao longo de sua experiência de estágio, como foi o caso das E01 e 05, que buscaram apoio na supervisão, e também no trabalho pessoal.

Dentro das estratégias de *coping*, buscar apoio de pessoas, ou coisas podem sem exemplos de mecanismos utilizados pelos estagiários, conforme as falas abaixo destacam:

Eu acho que [...] supervisora e a preceptora de estágio. [...] elas foram fundamentais, e a confiança nelas também né” (E01- 22a- F)

Sempre, sempre recebi muito a ajuda dela [supervisora] e de algumas pessoas também do meu grupo de estágio e dos estagiários também lá... do hospital também né da Oncologia que eram pessoas que eram meus amigos e aí eu podia desabafar um pouco com ele quando eu tava me sentindo em relação aos atendimentos sobre como tinha sido difícil para mim né (E02- 23a- F)

A terapia né, foi uma delas, que me ajudou a lidar bastante com esse, com esse, como é que eu posso dizer, a lidar com esses desafios encontrados [...] e daí eu tive apoio em casa mesmo, da própria família [...] a própria orientação com o orientador também [...] E tive apoio também de amigos também (E03- 24 a- M)

É... assim, além do apoio, do auxílio profissional como eu disse da análise, eu também tive muito apoio de colegas, de amigos realmente da faculdade (E05- 21 a- M)

Diante das falas, nota-se a importância que os amigos, colegas de estágio, a psicoterapia, a supervisão e a preceptora de estágio como estratégias de *coping* utilizadas pelos estagiários diante das adversidades encontradas durante o estágio. E com isso, pode-se inferir a responsabilidade de se ter a supervisão, bem como a presença de um preceptor de campo comprometido com o seu fazer, e também com o fazer do seu estagiário, visto que há pessoas que irão receber o seu cuidado e esse cuidado precisa ser de excelência. E ainda como Freitas, Figueiredo, Barbosa (2017) explicitam, é o momento de desenvolver competências importantes na vida profissional, pois as repercussões das intervenções dependem do desenvolvimento dessas competências.

4.3 O PAPEL DA SUPERVISÃO E DO PRECEPTOR DE CAMPO DURANTE O ESTÁGIO EM PSICO-ONCOLOGIA

A supervisão de estágio pode ser entendida como uma modalidade didática pedagógica que se dá a partir da inserção direta de alunos em locais de atuação profissional que futuramente poderão ocupar, e tem como objetivo principal buscar se fazer correlações entre as dimensões teóricas e a prática (SILVA NETO, OLIVEIRA; GUZZO, 2017).

No tocante ao papel da supervisão e do preceptor ou preceptora de campo durante o estágio em Psico-Oncologia, os achados mostram que ambos assumem papel fundamental para os estagiários, sendo responsáveis por dar suporte na dimensão da teoria que o aluno precisa para estar em campo, como também a respeito da própria prática em si, como mostram os trechos abaixo:

Da supervisão eu vejo [...] na verdade eu vejo como um suporte sabe? Um suporte pra ajudar, pra dizer o que acertou, o que errou né? (E02- 23a- F)

O papel deles assim, foi, foi muito importante, é, de fato se não tivesse um, uma supervisora de campo no hospital assim eu não saberia por onde começar, então assim, não só em relação a isso, não só por onde começar, por onde ir, mas assim, em relação também ao todo suporte que que ela dá antes dos atendimentos, todas as orientações que ela passava antes dos atendimentos, como também o suporte que ela dava, um suporte psicológico que ela dava depois do atendimento, né?.(E03- 24 a- M)

Assim, é um link que é feito né? O supervisor nos traz um conhecimento teórico, um livro, um texto que é teórico, e o preceptor nos traz uma visão daquilo que foi visto teoricamente né? Só que na prática. (E05- 21 a- M)

[...] a supervisão por exemplo é extremamente importante, não apenas para que eu fale sobre o que aconteceu, mas também para que eu escute né, como que poderia acontecer, como que eu poderia fazer diferente, o que é que a literatura fala sobre aquilo que eu fiz, sobre o que eu deixei de fazer né, como que poderia ser feito. E a preceptora de campo é capaz não apenas de supervisionar o que eu estou fazendo, mas também de me ensinar algumas coisas que assim, só no campo mesmo só quem está no campo mesmo pode ser capaz de ensinar. (E05- 21 a- M)

Ainda, ambos assumem um papel para além do que foi exposto, sendo também responsáveis pelo acolhimento dos estagiários, tendo em vista as dificuldades que eles encontram em seus campos, conforme é explicitado na E01:

Eu acho que é muito mais do que o nome deles né? De orientar, de olhar o que que a gente tava fazendo né [...] e o que foi de maior valiosidade para mim foi isso, foi o acolhimento e que em outros momentos eu não recebi, de outras

situações de estágio. (E01- 22 a- F)

Acerca da importância desse acolhimento, Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017) ressaltam que o aluno deve receber significativa atenção e apoio diante das dificuldades, com o intuito de prepará-lo para enfrentar possíveis adversidades que irá encontrar ao longo da experiência de estágio no hospital. Com isso, é de suma importância que esse estagiário seja acolhido diante de suas limitações, e situações conflituosas, para que desenvolvam formas de lidar com essas situações.

E por fim, aponta-se a importância da psicoterapia pessoal para os estagiários, visto que eles entrarão em contato com momentos de dificuldade que apenas a supervisão e os preceptores não serão suficientes, visto que cada um assume um papel específico nesse processo. E ainda, apesar de haver a importância do acolhimento por parte dos supervisores e preceptores, existem limites para ambos, visto que eles não possuem o papel de psicoterapeutas para os estagiários, sendo fundamental a implicação destes no seu processo de psicoterapia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psico-Oncologia é uma área de intercessão entre a Psicologia e a Oncologia, responsável pelo cuidado com os aspectos de ordem psíquica que são decorrentes do câncer e do seu tratamento. Ela assume extrema importância nos tempos atuais, visto que os casos de diagnósticos de câncer crescem cada vez mais, causando uma série de impactos emocionais na vida dos pacientes, familiares, bem como nas equipes que trabalham com os pacientes oncológicos, necessitando assim de suporte psicológico para lidar melhor com tais impactos.

Assim, compreender acerca do processo de formação dos estagiários em tal área se torna relevante, visto que na graduação pouco se é falado sobre o tema, sendo crucial um suporte adequado na supervisão e ainda no próprio campo de estágio, por meio da presença de um preceptor da área. Em linhas gerais, o presente estudo buscou compreender sobre as percepções dos estagiários acerca do estágio em Psico-Oncologia, e os resultados mostraram que o estágio proporcionou crescimento pessoal e profissional, sendo possível desenvolver uma escuta clínica mais atenta, bem como a empatia para com os pacientes. Ainda, dificuldades como o atendimento no *setting* hospitalar, estar diante da morte e entrar em contato com as próprias questões foram apontados pelos participantes. O apoio de amigos, colegas de estágios de familiares, e da psicoterapia foi crucial durante esse processo. E a

supervisão, bem como os preceptores de campo assumiram papel importante no percurso dos estagiários, pois estes além de dar-lhes suporte teórico e técnico, acolhia-os diante dos desafios.

Nesse sentido, percebe-se que os objetivos da presente pesquisa foram atingidos, e a hipótese inicial de que o suporte oferecido pelas supervisões dos casos e pelos preceptores de campo ajudaram os estagiários diante das dificuldades encontradas ao longo do estágio. Todavia, deve ser salientado acerca da escassez na literatura de trabalhos que abordem sobre do estágio em Psico-Oncologia, o que fomenta a necessidade de haver mais pesquisas acerca do tema, para que assim, seja ofertado um suporte adequado aos estagiários durante seus estágios curriculares. E por fim, ressalta-se a importância dos resultados encontrados, visto que se evidenciou as dificuldades encontradas pelos estagiários, e a importância de uma formação adequada na área.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Manual de cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009. Disponível em: <https://www.santacasasp.org.br/upSrv01/up_publicacoes/8011/10577_Manual%20e%20Cuidados%20Paliativos.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

ALAMY, S. **Ensaio de Psicologia Hospitalar: a ausculta da alma**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007.

ANTONIAZZI, A.S.; DELL'AGLIO, D.D.; BANDEIRA, D.R. O conceito de *coping*: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 273-29, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

AZEVEDO, A.V.S; CREPALDI, M.A. **A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos**. Rev.Estudos de Psicologia, Campinas, v. 33, n. 4, out-dez, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n4/0103-166X-estpsi-33-04-00573.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BALLÃO, C. M.; COLOMBO, I. M. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 53, p. 171-186, jul./set. 2014. Editora UFPR. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n53/11.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BARBOSA, D.F.M.; FIGUEIREDO, S.E.F.M.R.; FREITAS, G.F.V. A atuação do aluno de psicologia no estágio de hospitalar. **Mudanças–Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 2, Jul.-Dez. 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Janaina/Downloads/7822-29001-2- PB.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BARROS, M.C.M. O acompanhamento Psicológico a Pacientes com Câncer. **Tratado de Oncologia**. IN: HOFF, P.M.G. (Ed.). 1. ed. v.1. São Paulo: Editora Artheneu, 2013, cap. 100, p. 1387-1402.

BENITES, A.C.; NEME, C.M.B.; SANTOS, M.A. Significados da espiritualidade para pacientes com câncer em cuidados paliativos. **Revista Estudos em Psicologia** I Campinas, v. 34, n. 2, p. 269-279, abr-jun 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v34n2/0103-166X-estpsi-34-02-00269.pdf>. Acesso em: 29 mai.2020.

BIFULCO, V.A.; IOCHIDA, L.C. A formação na graduação dos profissionais de saúde e a educação para o cuidado de pacientes fora de recursos terapêuticos de cura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.33, p. 1, p. 92-100, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n1/13.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BOAVENTURA, C.B.F.; SILVA, R. B. Psico-Oncologia e Gestalt-terapia: uma Comunicação Possível e Necessária. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 17, n.1 jan-jun, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n1/v17n1a07.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

BRAGUIN, M.C. ; LANGE, E.S.N; MORIN, R.M.R. Psico-Oncologia e qualidade de vida: uma proposta de intervenção pelo uso do programa Simonton. **Contribuições à Psicologia Hospitalar: Desafios e paradigmas**. In: LANGE, E.S.N (Org.). 1. Ed. São Paulo: Editora Vetor, 2008. cap.19.

BRASIL. CNE/CES RESOLUÇÃO Nº 8, DE 7 DE MAIO DE 2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 maio. 2004. Seção 1, p. 16. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08_04.pdf. Acesso em: 12 jun.2020.

BRASIL. Conselho Nacional De Educação Câmara De Educação Superior. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 15 DE MARÇO DE 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 mar. 2011, Seção 1, p. 19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=76_92-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 04 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 597, de 13 de setembro de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ed. 230, s.8, p. 199, 30 nov. 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/52748594/do1-2018-11-30-resolucao-n-597-de-13-de-setembro-de-2018-52748138. Acesso em: 05 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.535, de 2 de setembro de 1998. Estabelece critérios para cadastramento de centros de atendimento em oncologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 out., 1998. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3535_02_09_1998_revog.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. PORTARIA Nº 3.390, DE 30 DE DEZEMBRO DE 2013. Institui a Política Nacional de Atenção Hospitalar (PNHOSP) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecendo-se as diretrizes para a organização do componente hospitalar da Rede de Atenção à Saúde (RAS). **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt3390_30_12_2013.html#:~:text

=PORTARIA% 20N%C2%BA% 203.390% 2C% 20DE% 2030,Aten%C3%A7%C3%A3o% 20C3%A0% 20Sa%C3%BAde% 20(RAS). Acesso em: 17 nov. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicas. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. 5. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização: PNH**. 1. Ed. 1. Reimpr. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pd>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em: 04 jun. 2020.

CAMPOS, E.M.P. A Psico-Oncologia. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 30, n. 79, p. 440-449, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412015.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

CARVALHO, M.M. Psico-Oncologia: história, características e desafios. **Psicol. USP**. v. 13, n. 1, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642002000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CARVALHO, V.A.; VEIT, M.T.; Psico-Oncologia: um novo olhar sobre o câncer. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 526-530, 2010. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/526a530.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.

COSTA JUNIOR, A. L. O desenvolvimento da psico-oncologia: implicações para a pesquisa e intervenção profissional em saúde. **Rev. Psicologia Ciência e profissão**, v. 21, n. 2, jun, 2001. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/cadernos-de-psicologia-completo-1_0.pdf> . Acesso em: 18 mar. 2020.

COSTA JUNIOR, A.L. Psico-Oncologia e manejo de procedimentos invasivos em Oncologia pediátrica: uma revisão de literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.12,

n.1, 1999. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/188/18812107.pdf>. Acesso em: 28 mai.2020.

COSTA JUNIOR, A.L.; COUTINHO, S.M.G.; KANITZ, S. Manejo de variáveis psicológicas no tratamento do câncer em crianças: algumas contribuições da psiconeuroimunologia. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 17, n. 3, p. 33-42, setembro/dezembro, 2000. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v17n3/04.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

COSTA, P.D.; SILVA, F.A.A.S. Experiência de Estágio em Psicologia Hospitalar Estudo de Caso. **Revista Fepi**, 2015. Disponível em: <<http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/265/151>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CUNHA, V.L. ; OLIVEIRA, E. da S. G. O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades. **RED. Revista de Educación a Distancia**, n. 14, mar. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/547/54701403.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

DEMARTINI, Z. B. F. História de vida da abordagem de problemas educacionais. In: Simson, O.M.V. (org.). -**Experimentos com a história de vida, Itália-Brasil**, São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 381-387, maio-ago., 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/261/26190221.pdf>> Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n2/v15n2a07.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FERREIRA, A.P.Q.; LOPES, L.Q.R.; MELO, M.C.B. O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, 2011. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200007>. Acesso em 02. jun. 2020.

FREITAS, G.F.V.; FIGUEIREDO, S.E.F.M.R.; BARBOSA, D.F.M. A atuação do aluno de psicologia no estágio de hospitalar. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 25, n.2, Jul.-Dez. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v25n2p45-50>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FREITAS, C.R.; MORETTO, C.C. Psicologia da saúde: o acolhimento humanizado na sala de observação de uma unidade pré-hospitalar. **Revista da SPAGESP**, v.15, n.2, p. 77-93, 2014. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n2/v15n2a07.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2020.

GIL, A.C. Como classificar as pesquisas? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2018. Pág. 4.

GUEDES, C. R. A supervisão de estágio em psicologia hospitalar no curso de graduação: relato de uma experiência. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 3, p.516-523, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282021746014.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

GUZZO, R.S.L.; OLIVEIRA, W.A.; SILVA NETO, W.M.F.S. Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n.3, p. 573-582, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-573.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

LIMA, M.S.L.; PIMENTA, S.G. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2018.

MARCON, C.; LUNA, I.J.; LISBÔA, M.L. O Psicólogo nas instituições hospitalares: características e desafios. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n.1, p. 28-35, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a04>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MEIRA, C.H.M.G.; NUNES, M. L.T. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de Psicologia. **Paidéia**, v.15, n. 32, p. 339-343, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n32/03.pdf> >. Acesso em: 17 nov. 2020.

MENEZES, M. MELO, A.C. VALERO, F.F. A intervenção psicológica em Cuidados Paliativos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 3, p. 452-469, 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v14n3/v14n3a07.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MINAYO, M.S. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S.F.D; NETO, O. C.; GOMES, R. MINAYO, M.C,de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Fontes, 2002. Cáp 3, p. 9-30.

MOTA, R.A.; MARTINS, C.G.M.; VÉRAS, R.M. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 323-330, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a10.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

NÓBREGA, D.O.; SANTOS, A.C. Dores e Delícias em ser Estagiária na Formação em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37 n.2, p. 515-528, abr/jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n2/1982-3703-pcp-37-2-0515.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

REZENDE, L.C.S. GOMES, C.S.; MACHADO, M.E.C. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 6, n. 1, p. 28-36, jan. /jun. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v6n1/v6n1a05.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SCHIMIGUEL, J. O acolhimento de pacientes oncológicos: uma revisão bibliográfica. **SAÚDE REV.**, v. 15, n. 39, p. 47-57, jan.-abr. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.15600/2238-1244/sr.v15n39p47-57> >. Acesso em: 17 nov. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; VILELA E SOUZA, L.; SANTOS, M. A. Tornar-se psicólogo: Experiência de estágio de Psico-oncologia em equipe multiprofissional de saúde. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 9, n. 2, p. 113-125, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203014920010>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SILVA, T. F.; ROMANO, V.F. Sobre o acolhimento: discurso e prática em Unidades

Básicas de Saúde do município do Rio de Janeiro. **Saúde Debate**, v. 39, n. 105, p.363-374, abr-jun 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v39n105/0103-1104-sdeb-39-105-00363.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença**. 8 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2018.

SIQUEIRA, P.C.A; MARTINS, A.M.; CAMPOS, M.G.C. Do cenário de dor ao encontro consigo: Abordagem psicodramática no bloco cirúrgico oncológico. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 25, n. 2, 93-99, 2017. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v25n2/v25n2a11.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

VEIGA, D. S. (2005). Considerações iniciais acerca do estresse do psicólogo hospitalar. Psicópio: **Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde**.v.1, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S2358-1883201700030122500028&lng=en>. Acesso em: 18 nov. 2020.